

Campus

Jornal-laboratório do
Departamento de Comunicação da UnB

Nº 85
De 26 de Novembro a 4 de Dezembro de 1985



Ana Paula Padrão

Uma salada política: eis os novos partidos

Ficou fácil criar um partido político — e as siglas proliferaram. Mas poucas disputarão as eleições em 86. Pág. 7.

Material
alternativo

Suzana Dobal



A professora Zuleica Medeiros, apesar das dificuldades, lidera um importante projeto no Departamento de Desenho: produção artesanal, na própria UnB, de tintas, papéis, pincéis e vernizes. Veja na página 4.

MinC: pela releitura do Brasil

Luis Queiroz



A UnB irá colaborar com o Ministério da Cultura no seu objetivo de "reler" o Brasil. O ministro Aluísio Pimenta, em debate na UnB, defendeu a idéia de que o Brasil deve ter um modelo próprio de cultura. Pág.5.



Decano responde ao Campus

Senhor Editor:

Escrevo esta nota a propósito de matéria publicada no Campus nº 84, intitulada "Freire gera polémica". A nota, além de incorreta sob o ponto de vista de informação (e incompleta), parece-me injusta, por unilateral.

A vinda do Prof. Paulo Freire à UnB no dia 8 de novembro passado foi promovida pelo Decanato de Extensão. Na ocasião de sua posse no Conselho Diretor, o Prof. Freire procurou-me, relatando que havia sido convidado por Darcy Ribeiro para ser o primeiro Decano de Extensão da UnB. Agora, nesta oportunidade democrática, colocou-se ao dispor do Decanato para avaliar conosco a política de extensão que estamos tratando de determinar, após trabalho exaustivo a inúmeras discussões.

O Prof. Freire veio e regressou a São Paulo no mesmo dia. Na parte da manhã participou de uma discussão com alunos da pós-graduação da Faculdade de Educação. E no período da tarde, manteve intensa discussão com Membros da Câmara de Extensão e Coordenadores de Extensão dos diversos departamentos. Recordo que a Câmara de Extensão está incompleta, pela ausência de estudantes de graduação na mesma, pela impossibilidade de indicação de nomes, uma vez inexistir organismo representativo da categoria.

O Prof. Freire não aceita falar a grupos que excedem vinte (20) pessoas aproximadamente, neste momento de sua carreira acadêmica e política. Com este pequeno detalhe de informação, talvez o enfoque à notícia poderia ter sido ou-

tro, ou, pelo menos, mais completo.

Esta é apenas a primeira vinda de Paulo Freire à UnB, sob o patrocínio do Decanato de Extensão. No próximo ano, deverá vir outras ocasiões. Na oportunidade, então, o DEX entrará em contacto com outros grupos interessados em discutir com o Prof. Freire, respeitando-se seus desejos. Este informe, aliás, já foi passado por nós ao Boletim da Reitoria, devendo ser noticiado no próximo número, demonstrando a transparência de nossos propósitos.

Cumprimo-me informar, para terminar, que o Prof. Paulo Freire, por seu próprio oferecimento, estará auxiliando periodicamente o Decanato de Extensão na avaliação das atividades que forem sendo implementadas. Por si só, este fato estará contribuindo diretamente no aprimoramento do próprio corpo docente da UnB, pela contribuição de inegável peso qualitativo.

Somente no período de 4 de novembro a 3 de dezembro, o DEX promoveu/promoverá nada menos que 36 atividades diferentes (seminários, cursos, debates, discussões, etc), nas mais variadas áreas da Universidade. A divulgação do Campus, a estas atividades, tem estado aquém do fruto que elas possam estar gerando. Agradeçamos antecipadamente um maior espaço futuro às promoções do DEX, bem como sugestões e críticas que objetivem auxiliar-nos na reconstrução da UnB.

Atenciosamente,
Prof. Volnei Garrafa
Decano de Extensão

DIÁLOGO



Enquadramento de professores

Flávio Silveira

Pergunta dirigida ao reitor Cristóvam Buarque, através do Campus, pela professora (categoria colaborador), Maria de Lourdes Torres, do Departamento de Comunicação.

"Por que o CEP, Conselho de Ensino e Pesquisa, não está analisando novos pedidos de enquadramento de professores?"

A resposta à pergunta foi dada pelo reitor em nota veiculada na última edição do Boletim da UnB e repassada ao Campus antes de sua publicação na última semana.

Segundo a nota, a questão da existência de professores colaboradores nos quadros da UnB constitui-se numa autêntica "aberração funcional", cuja eliminação, através do enquadramento, deve ser efetivada o mais breve possível.

Além de classificar como uma prioridade de sua administração, esclarece o reitor que o problema está entregue à Comissão de Enquadramento e ao Conselho de Ensino e Pesquisa, que vêm se desdobrando num esforço de agilização na análise dos pedidos feitos por esses professores.

Entretanto, ressalta que todos os esforços dispendidos têm, necessariamente, de passar pelas normas que regulamentam o enquadramento, além de obedecer ao cronograma estabelecido pela Comissão e pelo CEP.

Aponta a nota dois pontos a serem observados:

O primeiro diz respeito à limitação do aumento de despesas; e o segundo, à regulamentação da Portaria Ministerial, que surgiu como elemento conciliador no episódio da última greve, cujo teor prevê a extinção gradual da figura do professor colaborador, sem contudo disciplinar as formas dessa extinção. O texto da Portaria ressalta a necessidade de se realizar concurso público para qualquer ingresso no quadro da Universidade.

MEIO

Às bruxas, o fogo

Luiz Antônio Gomes

Jean-Luc Godard. Falar o quê deste cineasta suíço que se fixou na França e não liga o mínimo para o que falam dele? Melhor guardar fôlego e palavras para as polémicas que

acompanham suas obras — estas sim, amadas ou odiadas, mas sempre comentadas, desde o já clássico "Acossado" (A Bout de Souffle) até o seu penúltimo filme, "Je Vous Salue Marie".

A Igreja Católica entrou de sola. Por todos os cantos do planeta estouraram protestos contra a exibição do filme. No Vaticano, o Papa João Paulo II, que também é contra o sexo por prazer até mesmo entre casados, declarou que o filme "fere profundamente o sentimento dos cristãos pela Virgem Maria"... Feriu tanto que foi proibido na Itália.

Aqui entre nós, o lobby católico já está funcionando e conseguiu uma importante vitória. A Alvorada Filmes, distribuidora responsável pelos direitos de exibição, alegou motivos comerciais para negar uma cópia para a

mostra "Je Vous Salue Godard", do II FestRio. A mostra foi suspensa. A CNBB, a mesma CNBB que pressiona o Governo por uma reforma agrária justa e uma Constituinte independente, também faz pressão junto ao Ministério da Justiça para censurar o filme.

Godard incomodou, mais uma vez. Contando a história da Virgem no mundo moderno, segundo ele "um mundo brutal", não viu razões para não mostrar "Maria sendo tratada brutalmente". Foi o bastante para gerar debates na imprensa sobre novas e velhas questões. A censura deve mesmo acabar? O povo brasileiro está preparado para nuances de intelectuais como Godard? A posição do artista frente à sociedade deve ser vanguardista, antecipando-a na iconoclastia?

A melhor resposta talvez tenha sido dada pelo próprio cineasta. Em maio deste ano, Godard exibiu em Cannes seu último filme, "Detective", mostrando que o artista deve, acima de tudo, produzir. Sem medo de críticas, pressões ou, até mesmo, excomunhões.

OAB protesta contra o racismo

Senhor Editor-Geral:

Acuso e agradeço o recebimento do número de setembro do Campus.

Sobre a reportagem a respeito do apartheid e as reações verificadas no Brasil, aprez-me informar a V.Sa. que a OAB/DF, em cumprimen-

to à deliberação do seu Egrégio Conselho Secional, enviou ofício ao Sr. Embaixador da África do Sul, protestando contra o tratamento dispensado aos negros naquele país. Atenciosamente, Maurício Corrêa, Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil/Secção DF



Volta a troca em Olhos D'Água

A comunidade de Olhos d'Água convida para a 22ª Feira do Troca, que será realizada nos próximos dias 30 de novembro e 1º de dezembro. O lugar fica a 100 quilômetros de Brasília e, segundo os organizadores, terá "bandeja" para os "trocadores". A feira, que nos últimos três anos estava caracterizada, com a maioria comprando artesanato em vez de trocar por outras mercadorias, voltará a ter a característica e o espírito inicial. Haverá uma festa no sábado, com forró, catira, lundum, tapuas, além da mostra de fotos das pesquisas realizadas na região com as plantas e árvores usadas para tingimento do artesanato. Vale a pena "botar o pé na estrada", no próximo final de semana... (Sandra Machado)

O PT na Crista da Onda

Os parlamentares do Partido dos Trabalhadores, que só eram procurados pela imprensa quando alguma greve sacudia o país, depois da considerável votação em 15 de novembro sentiram o gostinho de serem abordados por filmadoras, microfones, canetas etc. O deputado José Genoíno tinha tantos jornalistas à sua volta, no salão verde da Câmara, que um ilustre opositor, pensando tratar-se de algum

ministro, foi abrindo caminho sorridente para cumprimentá-lo, mas quebrou a cara. Genoíno, muito à vontade, disse: Inaugurei o espaço no Fantástico, a Maria Luíza (prefeita de Fortaleza) está fazendo um especial para a Bandeirantes... e continuou respondendo às perguntas. Pimenta da Veiga que se culde, o brilho petista pode dar Ibope. (Adélia Barroso)

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
Editor Geral: Carlos Augusto Setti
Secretário de Redação: Hélio Doyle

Editoria de Arte: Maria Rita Leal e Chico Amaral

Editora de Fotografia: Prof.ª Luiz Ventura

Editores: Flávio Silveira, Marina Godol, Milton Cintra, Otávio Veríssimo (UnB); Ana Teresa Vieira, Nicolau El-Moor, Maria de Lourdes Tavares (Comunidade); Ana Paula Araripe, Luis Carlos Queiroz (Especial); Catarina Guerra, Cláudio Brandt, Glória Carvalho (Nacional); Cláudio Ferreira, Cynthia Rosa, Idhelene Macedo, Suzane Sobral (cultura); Carlos André, Joyce Russi, Rosani Aparecida, Zelia de Freitas (Ciência); Cláudio Ferreira e Idhelene Macedo (Opinião).
Repórteres: Marcelo Feijó, Mar-

garete Vitória, Margarete Marmor, Perla Alves, Regina Cely, Sandra Sato (UnB); Denise Sá, Fábio Guimarães, Maria Caclida Benevides (Comunidade); Sandra Machado (Especial); Adélia Fernandes, João Paganini, Júlia Cláudia, Marluce Paulista, Reinaldo Freitas (Nacional); Francisco Henrique, Hélio Franco, Heloisa Helena (Cultura); Cautenis Lemos, Martha Faria, Shirlene Costa (Ciência).

Fotógrafos: Ana Paula Padrão, Cecília Maria, Cláudio Reiw, Cynthia Rosa, Luis Carlos Queiroz, Marcelo Feijó, Nicolau El-Moor, Rubens Rebouças, Reinaldo Freitas, Suzana Dobal.

Laboratorista: Jeová Xangô.
Ilustrações: Adriano Vale, Flávio Silveira, Francisco Henrique, Humberto Junqueira, Pedro Henrique.
Composição, Impressão e Revisão: Correio Braziliense.

CO: antes de tudo, um espírito comunitário

CLAUDIO FERREIRA

Eles estão em toda parte. Nos CAs, GEDUnB, Coral, Mteu. Os **ceolinos** participam de quase tudo o que se faz na Universidade. E isso é natural, já que eles são o grupo de alunos que passa mais tempo na UnB. Mais natural ainda foi eles perceberem que, como moradores do CO, tinham muitos problemas em comum. E como disse um deles, "aonde você tem um monte de gente morando junto, nada

mais interessante do que um grupo que lute pelas necessidades daquele pessoal todo".

Esse interesse oficializou-se a partir de 1982, quando foi criada a AMAE-Associação dos Moradores do Alojamento Estudantil. As pessoas interessadas formaram uma primeira chapa, e tiveram o respaldo do resto dos moradores. Era uma época de greve, e os moradores sentiram que era hora de se unir numa associação. Atualmente, a AMAE já está na sua terceira diretoria, que

termina o seu mandato em julho do próximo ano.

André, diretor de Assuntos Comunitários da AMAE, fala que antes das melhorias, eles procuraram ativar a manutenção do CO. Segundo ele, este serviço era feito em toda a UnB, mas o alojamento era esquecido. Troca de lâmpadas, conserto de portas, pintura e conserto de pias foram as primeiras providências tomadas. As melhorias vieram com a construção da cantina e a solução para o problema da iluminação.

Cláudio Reis



Os próprios moradores do CO vêem no alojamento um "espírito de comunidade".

As providências já tomadas, e mais algumas, foram pedidas através de um documento. Através do Serviço de Orientação e Mercado de Trabalho, no DAC, os problemas começaram a ser resolvidos. Para Anelise, responsável por esse setor do DAC, a AMAE canalizou para a administração as reivindicações coletivas dos moradores do CO. Segundo ela, antes da AMAE, tinha-se uma idéia dos problemas mais urgentes pelo volume de pedidos individuais que chegavam ao DAC. Agora, os pedidos coletivos chegam através da Associação, são resolvidos com o Decano, e se preciso, com o Reitor.

Para a diretoria da AMAE, esse contato com a administração é muito importante. No "período Azevedo", todos os pedidos feitos eram recusados. Isso dificultava inclusive a credibilidade da AMAE, que não tinha nada de concreto para mostrar, e assim, conseguir colaboração. Hoje a convivência é mais salutar e menos burocrática.

PROBLEMAS

Esses problemas não são poucos. Um dos mais recentes foi a retirada da venda de passes aos moradores, pela empresa Pioneira. Segun-

do a empresa, o alojamento era muito perto do resto da Universidade, e além disso, estava havendo revenda de passes. Os próprios moradores formaram uma comissão, independente da AMAE, e foram negociar com a empresa. A Reitoria apoiou, e o problema foi resolvido. Transporte é um dos grandes problemas da comunidade e já foi conseguido um ônibus, que sai todo dia às 8 e 15 da manhã do CO, e vai para a Biblioteca. Um projeto antigo era o de desviar um ônibus da linha **Palácio da Alvorada** para servir à UnB. A Pioneira deu parecer favorável, mas o GDF não liberou a mudança.

Outro problema foi com o Departamento de Educação Física. Os moradores do CO tinham uma autorização para jogar vôlei nas quadras cobertas, das 22 às 24 horas. Só que, quando eles quiseram promover um campeonato de futebol de salão, foram impedidos pela administração do CO. O caso foi discutido com o Colegiado da Educação Física, e parece que vai ter um final feliz. A Educação Física, segundo a AMAE, também tentou desviar o caminho da calçada recém-construída para os moradores do CO. Agora a AMAE, espera uma solução para o "sequestro" da calçada.

MELHORIAS

Os planos continuam sendo feitos. Já foi apresentado um projeto de um Centro de Vivência, que seria construído entre os blocos A e

B. Esse centro teria quadras, um pequeno anfiteatro, e seria uma ampliação do que já existe no bloco A. O projeto foi feito por um ex-morador, assim como o de uma lavanderia, proposto recentemente. A calçada em frente à Educação Física foi feita após negociações com o IBDF, o dono do terreno. Existe um projeto de reforma dos apartamentos, e o 114 do Bloco A serviu como piloto. Outra idéia é a de tornar os blocos A e B mistos, para dinamizar mais a participação das meninas do CO.

Participação, aliás, é uma palavra-chave. A AMAE diz que é mais fácil conseguir a participação dos moradores quando o problema é mais prático, como no caso dos passes.

E os moradores, ao que parece, estão satisfeitos, tanto com as melhorias quanto com a atuação da AMAE. Edmilson, estudante de Medicina, e morador do 104/A, chegou em 1980, e diz que o CO deixou de ser um simples alojamento. Agora, ele vê um espírito de comunidade. A iluminação, as passarelas que vão até o Minhocão, e a opção por cinco moradores em cada apartamento foram conquistas importantes, apesar dos problemas que ainda existem com os clandestinos e com o "pessoal do fumo". Nando, do 102/A fala ainda da farmácia, da escala de médicos e dentistas (alunos) que é feita, e só reclama da pouca colaboração dos moradores. "A AMAE sozinha não faz milagre".

SUZANA DOBAL



O Clube do Livro é aberto a toda comunidade

Editora faz promoções para atrair leitores

MARINA MARIA GODOI

Criada em 1962, com o objetivo de fazer chegar ao português obras de importância do patrimônio cultural da humanidade, a Editora da Universidade de Brasília esteve durante muitos anos longe da comunidade universitária, assumindo uma postura um tanto pomposa em relação ao que teria condições de publicar. Segundo o seu atual diretor, professor Timothy, do Departamento de Psicologia, a maior dificuldade encontrada ao assumir a editora, em maio último, foi dar vazão a inúmeros compromissos assumidos com as gráficas, na gestão anterior, sendo que o número de livros a serem publicados era bem maior do que a capacidade que a editora tinha de lançá-los no mercado.

A solução para dar saída a estes livros e, ao mesmo tempo, promover a reaproximação da editora à toda a comunidade, foi oferecer descontos especiais na compra dos títulos. O aluno carente tem um desconto de 50% na compra de qualquer livro. Basta ele ir até à Diretoria de Assuntos Comunitários — DAC — mostrar a carteirinha de estudante e receber cinco vales, que lhe darão direito a adquirir cinco exemplares dos livros que desejar, pela metade do preço, durante todo o semestre.

Para os alunos não carentes, o desconto é de 40% e estes alunos só têm que apresentar a carteirinha de estudante quando forem comprar os livros. Os professores e funcionários também têm direito a receber um desconto de quarenta por cento na compra de qualquer título. E se a compra ultrapassar cinquenta mil cruzeiros, eles podem pagar no final do mês, descontando em folha, ou ainda, parcelando em quantos meses desejarem.

"Mas todos estes descontos", afirma o professor Timothy "só são válidos no posto de venda da editora, situado no prédio dos Dois Candangos". No próximo ano, a Editora colocará o seu posto de venda no ICC Sul, facilitando a todos adquirirem os livros. Para Timothy, o posto de venda situado no Minhocão, coloca a editora mais perto da comunidade, no seio da Universidade, fazendo com que todos conheçam de perto as obras publicadas.

Para as pessoas que não fazem parte da comunidade da UnB, a Editora tem o seu Clube do Livro — uma forma de conquistar novos leitores, barateando os custos da produção e distribuição dos livros. O sócio do clube do livro tem direito a um desconto especial na aquisição dos títulos e ainda os recebe em casa. O Clube do Livro da UnB tem atualmente trinta mil assinantes em todo Brasil e qualquer pessoa pode se filiar — é só entrar em contato com a editora.

Para aqueles que não fazem parte da comunidade da UnB ou do clube do Livro, há ainda uma excelente oportunidade de adquirir livros a preços mais baratos — é na Feira do Livro de Brasília em sua 4ª edição, que está sendo realizada no Centro de Convenções de Brasília, até o dia 1º de dezembro. Nesta feira, a editora está lançando vinte e cinco novos títulos, com várias promoções e ofertas, para todos os gostos.

Desenho produz papel com as mãos

Vem tendo uma boa repercussão através da divulgação feita pela grande imprensa e pela televisão o trabalho de "produção alternativa de material utilizado nas artes plásticas", que está sendo desenvolvido na Universidade de Brasília.

A partir de matérias-primas como grama, terra, gravetos de goiabeira, cabelo humano, pelo de animais, etc, produz-se um material de boa qualidade a um custo praticamente zero, como alternativa à baixa qualidade do produto nacional e ao alto custo do material importado.

Todo esse trabalho é feito por 25 alunos, uma funcionária e uma professora, todos do Departamento de Desenho que, numa pequena sala estão tentando desenvolver um grande ideal. A professora Zuleica Medeiros é quem coordena os trabalhos dessa equipe, através da disciplina Análise e Exercícios dos Materiais Expressivos — AEME — cujo objetivo é o trabalho com o arte educador. "Acho importantíssimo, em termos de educação artística, que o aluno conheça o material, produza esse material, ou seja, ele interage com a expressão que posteriormente ele virá a expressar", explica Zuleica. Havia um estrangulamento do trabalho do arte educador por falta

te), produz-se o papel artesanal, que vem da cana-de-açúcar, grama, folha de bananeira, espada de São Jorge, casca de amendoim. A preocupação no momento é com a matéria-prima mole, por causa do liquidificador que é doméstico. "Se tivéssemos um liquidificador industrial", explica a professora, "poderíamos trabalhar com cascas mais pesadas".

Produz-se também, nessa etapa, a tela para receber a pintura a óleo e ensina-se as técnicas tradicionais. Desta forma, hoje estica-se uma tela como se fazia há cem anos, com o melhor método, a melhor técnica. "A qualidade", diz a professora, "é um fator que nós visamos". Nessa etapa, também é produzido o papel lixa, para a aplicação em pastel.

Na segunda etapa de produção, que é chamada de "ação média" (produção de tintas), tem-se um estudo profundo a respeito dos pigmentos. Trabalha-se com pigmentos de origem mineral como terra, pedras, e de origem vegetal, como cascas de frutos, de folhas. Existe, como frizou Zuleica, a preocupação de se trabalhar com um material viável para a educação. "Descartamos produtos químicos que podem ser perigosos".

De posse desses pigmentos, parte-se para a produção das tintas. Os vários tipos de tintas: à óleo, nanquim e outros, são obtidos a partir da simples troca do aglutinante. É também nessa etapa que é produzido o carvão, a partir da queima de galho de goiabeira e o lápis cera.

Já na terceira etapa, a preocupação é com os vernizes. É a etapa chamada de "ação superior", que vai cuidar do acabamento do trabalho artístico, a preservação dos trabalhos. Trabalha-se com resina, cera, de abelha e outros. Outra preocupação, cita Zuleica era de como trabalhar com as tintas. Precisava-se trabalhar os instrumentos.

Então, partiu-se para o trabalho de produção de pincéis (de cabelo humano e pelo animal), espátulas, sopletes e ferramentas para o trabalho no barro. "Ou seja", afirma a professora Zuleica Medeiros, "o que tu imaginares de necessidades para as artes plásticas nós estamos procurando cobrir".

Todo esse trabalho de equipe tem boas perspectivas e já começa a render os primeiros frutos. Com a oficialização do Laboratório será possível segundo Zuleica, a realização de vários convênios. "Já estamos sendo procurados", continua a professora, "por pessoas que oferecem apoio material porque têm interesse em obter retorno nisso. E o retorno maior para a comunidade está na área do artesanato. Já estamos trabalhando com o PNDA, Plano Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, que está reformulando a política nacional de artesanato a



FOTOS: ANA PAULA PADRÃO



Um reforço para a educação pela arte: material de artes plásticas produzido artesanalmente

de material. Isto levou Zuleica a acionar, cada vez mais, a produção completa de matéria-prima. Ocasionalmente alguém produzia papel, ou tinta, mas era uma iniciativa isolada, sem sistematização. Com a experiência de alguns semestres na disciplina AEME, a professora está tentando essa sistematização através da formalização do projeto que tem como título Laboratório Experimental dos Materiais Expressivos que visa abranger pesquisa, estudos, produção e expressão dos materiais artísticos nas artes plásticas, artes cênicas e desenho — habilitações do curso de Educação Artística. Com a formalização do Laboratório, afirma Zuleica, e a curto prazo, pretende-se produzir todo o material que a Universidade utiliza no Departamento de Desenho e, numa etapa posterior, pensa-se em difundir essa tecnologia às escolas através de cursos de Extensão, para que toda a comunidade disponha também desse conhecimento.

Hoje, a equipe da professora Zuleica desenvolve o trabalho de produção alternativa de material em três etapas. Na primeira etapa, chamada por ela de "ação inferior" (supor-

respeito de pesquisa, metodologia e documentação".

Além disso, surgiram várias entidades interessadas, o SESI, Pro-Dart, IBDF, Maria do Barro, Pró-Memória, e professores de escolas oficiais e particulares que, estão interessados numa reciclagem. Professores dos Departamentos de Química, Agronomia e Botânica da UnB já se mostraram interessados em participar desse projeto que envolverá atividades interdisciplinares.

Desta forma, o laboratório surge como uma possibilidade de se democratizar a educação artística e a arte. "Essa experiência", explica Zuleica, "não tem precedentes no resto do país. Inclusive já recebemos convite para ir a todos os estados fazendo a divulgação desse trabalho. Pensa-se na implantação de núcleos, centros a nível regional para executar esta experiência pioneira desenvolvida na Universidade de Brasília".

DIFICULDADES

Apesar de toda a movimentação

provocada pelo trabalho já desenvolvido, o pessoal da equipe vem enfrentando algumas dificuldades, como, por exemplo, o pequeno espaço físico de que dispõe. Segundo Zuleica, a sala é de uma precariedade enorme: "Qualquer pessoa vê que receber 25 alunos aqui nessa sala é assustador". Outro problema é quanto à auxiliação de laboratório, dona Rosinha. Ela está à disposição do laboratório somente uma manhã durante toda a semana e apesar da sua dedicação acaba ficando sobrecarregada. "Eu mesma", diz Zuleica, "apesar de a aula acabar ao meio-dia, fico às vezes até às 14 horas lavando tanque, painéis, seja o que for.

Diante dessas e outras dificuldades encontradas, pode-se afirmar que a equipe está precisando de um maior apoio. "Sinto não ter conseguido sensibilizar as pessoas a nível de Universidade e sair a nível de Brasil divulgando esse trabalho", analisa Zuleica, "afinal de contas são várias pessoas que fizeram chegar a esse ponto".

MinC e UnB unidos para reler o País

IDHELENE MACEDO
HELOISA HELENA

Para o ministro Aluísio Pimenta, o Ministério da Cultura é "o Ministério da releitura do Brasil", e isso deve ser feito com a ajuda de toda a comunidade brasileira, universidades, sindicatos, negros, indígenas e principalmente a juventude. E foi dentro desta proposta que foi assinado um convênio entre a UnB e o Ministério da Cultura, no último dia oito, durante um debate onde participaram professores, funcionários e alunos da UnB além do ministro Aluísio Pimenta e do reitor Cristóvam Buarque.

O convênio propõe que a partir de agora haja mecanismos de contato entre a UnB e o MinC, e pretende definir melhor a forma de relacionamento entre as duas entidades. Assim, de acordo com o reitor Cristóvam Buarque, "o MinC fará sua contribuição através do financiamento de projetos relacionados a atividades culturais e a UnB fornecerá o fórum para debates e pessoal para pensar as coisas".

"Nós queremos que a Universidade nos ajude ativamente. Queremos, por exemplo, uma colaboração do Departamento de Antropologia que nos ajude exatamente a definir determinadas características no Ministério. Um adendo a esse convênio diz respeito à extensão universitária, um outro se refere ao ensino das culturas negra e indígena. O convênio é bastante amplo, e outros adendos virão", diz o ministro Aluísio Pimenta.

UM MODELO BRASILEIRO

Outro ponto colocado pelo ministro Aluísio Pimenta durante o debate foi quanto ao programa do Ministério. Para o ministro, não é interessante fazer modelos copiando-os de outros países. O mais importante é elaborar um programa em conjunto com toda a sociedade. E isso será conseguido através de uma série de debates, como este que aconteceu na UnB. "Estamos há pouco tempo no poder e precisamos da cooperação de todos. O MinC não é um fazedor de coisas, mas sim um apoio, um catalisador da cultura no País".

"É importante a criação de um modelo brasileiro, um modelo brasileiro de política, de economia, de cultura. Isso tudo dentro da realidade do Brasil. E a realidade brasileira não é só Rio, São Paulo, Brasília ou Belo Horizonte. O Brasil também é Juazeiro do Norte, Recife, Carajás, etc. Esse fato deve ser observado para que realmente tenhamos um modelo brasileiro". O MinC pretende que se construa um modelo brasileiro sem que a cultura nacional seja distorcida ou destruída.

Outra coisa importante na construção desse modelo, citado pelo ministro Aluísio Pimenta, é uma colaboração mais ativa entre todos os Ministérios, fato que nunca ocorreu no Brasil. Para Aluísio Pimenta, o MinC necessita da cooperação dos Ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia, Desenvolvimento Urbano e também do Conselho Nacional de Pesquisa.

UnB X CULTURA

Para o reitor Cristóvam Buarque, a

FOTO: LUIZ QUEIROZ



Universidade tem três linhas de preocupações em relação à cultura. Primeiramente ele coloca a Universidade como um fórum permanente de debates, onde a cultura se imagina. "Fazer universidade é fazer cultura". Em segundo lugar, a Universidade é também um local onde se conservam aqueles valores culturais que estão em processo de extinção. "Essa conservação é feita através do estudo da história desses valores". Finalmente, a Universidade deve fazer cultura independentemente de ser uma Universidade, porque antes de tudo é uma comunidade de treze mil pessoas.

O primeiro projeto que a UnB vai apresentar ao MinC é a participação do Ministério no programa, chamado a princípio, de Residentes Não Acadêmicos. O Ministério financiará a vinda de seis a oito pessoas anualmente à Universidade. Os convidados serão pessoas ligadas à cultura, e não precisam necessariamente estar vinculadas a uma formação acadêmica. "A Universidade não deve ser vista como

Foto: Luiz Queiroz



uma promotora de cultura, mas sim como um dos pólos da convivência da cultura do País. Nós queremos, com isso, trazer para conviver conosco produtores de cultura e não acadêmicos", diz Cristóvam Buarque.

Um desses produtores de cultura não acadêmicos a ser convidado é um funcionário da própria UnB, Teodoro Freire, que é o grande incentivador do bumba-meu-boi na cidade-satélite de Sobradinho. "Se não houver uma rapidez da juventude brasileira no sentido de preservar nossa cultura, deixaremos uma herança muito triste para nossos filhos", afirmou ele, emocionado, durante o debate. Segundo Teodoro, o "bumba" precisa de mais apoio financeiro por parte das autoridades. Como ele mesmo diz "o nosso boi é quase universitário", isso porque é praticamente mantido pelo apoio de professores, funcionários e alunos da UnB.

UnB X CIDADE

Uma outra preocupação do reitor Cristóvam Buarque é, de acordo com ele próprio, "o muro invisível" que ainda separa a UnB da comunidade,

“

É importante a criação de um modelo brasileiro... Isso tudo dentro da realidade do Brasil. E a realidade brasileira não é só Rio, São Paulo, Brasília ou Belo Horizonte. O Brasil é também Recife, Carajás, etc.

”

“

O bumba-meu-boi precisa de apoio e divulgação, coisa que o Governo não faz há muito tempo. Hoje a Universidade nos dá apoio, através do Departamento de Comunicação. Os outros Departamentos não estão ajudando e deveriam ajudar.

”

por causa principalmente do regime de arbítrio que se instalou no País em 1964. E na tentativa de romper este muro a Universidade estará desenvolvendo dois tipos de trabalhos de extensão universitária. O primeiro seria a nível de conhecimento, exatamente a releitura do País citada pelo Ministro da Cultura, através de debates. O segundo tipo de trabalho é a participação da UnB em certos atendimentos à comunidade a nível de educação e saúde.

E esse trabalho de reaproximação já começou com o lançamento do programa implementado pelo Decanato de Extensão, intitulado Projeto Permanente de Discussão e Reflexão Sobre Temas Políticos e Sociais da Atualidade. O primeiro projeto desse programa é "A Constituinte na UnB", que pretende estimular a discussão, reflexão e posicionamento, em todos os setores da Universidade, frente a temas relevantes que estarão na próxima Constituição. Após as discussões, o produto de todo esse trabalho será divulgado para a população da cidade.

"A Constituinte na UnB" vai promover uma série de debates e estudos em que estarão em pauta a nova Constituição, com o objetivo de contribuir com os diversos grupos que neste momento já fazem o mesmo tipo de trabalho.

Os trabalhos estarão divididos em três fases distintas. A primeira delas, "A UnB Ouve", consiste em constituir grupos de trabalho para debater os diversos aspectos relacionados com a elaboração da carta constitucional. A segunda fase, intitulada "A UnB Fala", promoverá um grande programa de debates internos, onde professores e alunos apresentarão monografias. Na terceira fase, "A UnB Vota", será realizado um grande plebiscito. Será elaborado um amplo questionário, mas este plebiscito só se realizará após um amplo debate. "Antes de perguntar se as pessoas preferem o parlamentarismo alemão ou francês, é preciso que elas saibam exatamente o que é isto", diz o reitor Cristóvam Buarque.

FOTO **Idéias**

Ano I nº 2
Novembro de 1985

Caderno Especial
do Jornal-Laboratório Campus
Departamento de Comunicação da UnB

Campus

O dever do fotógrafo é eternizar. Porque acreditamos nisto é que fotografamos. Desde 1982, o Departamento de Comunicação vem estimulando, dentro da experiência de edição do **Campus**, a prática de um tipo particular de captação da realidade: o fotojornalismo. É com ele que eternizamos os momentos significativos da vida da comunidade.

Grupos de alunos, orientados pela Professora Luiza Venturelli, vêm, a cada semestre, transmitindo aos leitores uma visão aguda, crítica, viva e bela da vida que nos cerca. É ela, integrada ao texto, que eterniza, em papel-jornal, a história de todos nós. É um pouco do que o **Campus** viu através das lentes nestes últimos anos que contamos neste segundo número do **Idéias**.

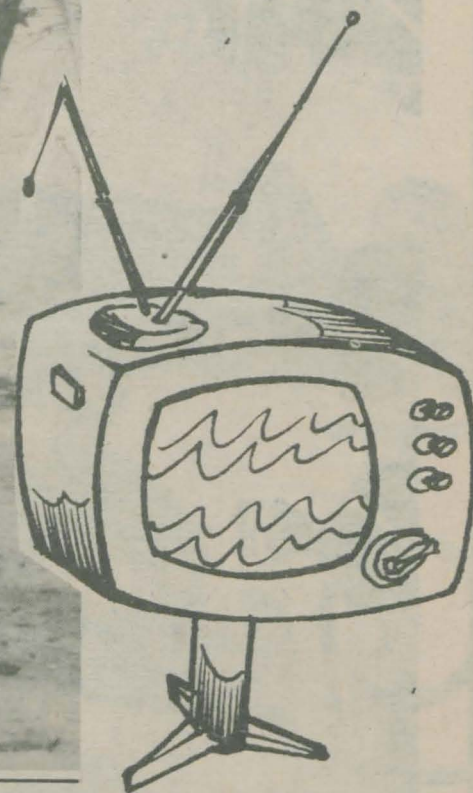
KATIA TURRA



ARQUIVO TV VIVA



Fazer uma televisão palpitante, atenta, perspicaz e viva, muito viva: a partir dessa idéia, teve início uma inovadora experiência de TV, que sai às ruas para produzir e exibir o seu trabalho. E a TV Viva, na conquista de novos espaços.



Uma TV Viva nas ruas de Pernambuco

CYNTHIA ROSA
HELIO FRANCO

“Viva! Uma nova TV em Pernambuco. Nas praças, nos clubes e nas associações de moradores. Você vai ver, ouvir, participar”. Essas palavras abrem um panfleto que recebo, enquanto caminho pelas ruas de Olinda e Recife. Imaginem! Uma TV na rua! A curiosidade me leva a conhecer sua programação. E hora de Roque Santeiro, mas o verdadeiro milagre acontece aqui ao meu lado: aproximadamente 500 pessoas assistem juntas a um mesmo programa, diante de um mesmo telão, numa linguagem nem sempre convencional, nem sempre irreverente; mas sempre muito comunicativa. E esta é a TV Viva, nascida em Olinda, difundida em Pernambuco, caminhando pelo Brasil. E pelo mundo!

RECURSOS

A primeira contribuição conseguida para a efetivação da TV Viva veio da Holanda. O parlamento holandês cede anualmente às Igrejas católicas e protestantes uma verba, a ser aplicada em projetos no 3º mundo, via instituições sem fins lucrativos. A instituição holandesa que liberou capital para a TV chama-se Novib. No Brasil, quem deu respaldo político à ação da moçada da TV Viva foi o Centro Luís Freire, em Olinda. Assim, estava dado o primeiro passo. Logo em seguida, com os pri-

meiros equipamentos e trabalhos, outras instituições locais também começaram a apoiar. Ivan Viana, um dos produtores da TV Viva, diz que além da programação da TV Viva, eles também fazem programas para as TVs comerciais e outras instituições. A produção de propagandas para a TV também é outra fonte de renda. Por outro lado, na TV Viva ainda não se usou nenhum **merchandising**, como também não existem comerciais entre um programa e outro. Ivan confessa, no entanto, que há um interesse da equipe de produção da TV Viva em conseguir algum merchandising para cada programa, mas ele diz também que não querem um merchandising que imponha a mensagem e seu conteúdo. Por isso, esperam pelo momento e pela forma mais adequada de fazerem isso sem comprometimento da qualidade das produções.

COMO É A TV VIVA

O objetivo principal da TV Viva é produzir um programa de até uma hora, e depois exibi-lo em cada um dos dez bairros da periferia de Recife e Olinda que fazem parte da “rede” paralela da TV. É produzido um programa por mês, e as exibições são feitas às segundas, quartas e sextas, em pontos estratégicos dos bairros. “A gente passa no horário de pique da Rede Globo, que é a hora do Jornal Nacional e do Roque Santei-

ro. Mas o público não deixa de nos assistir. O pessoal é fiel mesmo, e cada vez aumenta mais”, diz Ivan Viana.

Ele explica também o critério de escolha dos bairros que recebem a visita da TV Viva — “Esses dez bairros foram escolhidos a partir de lutas que eles travam na comunidade. Eles fazem parte de uma vanguarda no movimento popular de Pernambuco. Já têm uma tradição de luta e uma associação de moradores fortes”. Foi através das associações de moradores que o pessoal da TV Viva chegou a seu público. Eles entraram em contato com as associações e a partir daí ficou mais fácil estruturar a programação como é agora.

São cinco módulos que fazem a festa dos moradores. A programação começa com “Pipoca Maluca”, um infantil para crianças “dos 8 aos 80”. Depois vem “Olho Vivo”, um noticiário que busca levar notícias de um bairro para outro, mostrando as iniciativas comunitárias. O terceiro módulo é “Bom Dia Déo”, um programa de entrevistas que arranca muitos risos da audiência. O entrevistador, Brivaldo, faz questão de se caracterizar conforme o próprio tema do programa. E isso vai desde se vestir de cupido para fazer um programa sobre o amor, até colocar chifrinhos e sair perguntando “Você já levou galha?” pelas ruas de Recife. Esse programa inclusive

ganhou um prêmio no último festival de vídeo realizado em outubro em São Paulo. Depois vem “Quatro Cantos”, que leva ao ar sempre uma grande reportagem, o mais direta e profundamente possível.

Fechando o bloco, vai ao ar o “Circo Eletrônico”, reportando os artistas locais numa tentativa de renovação da linguagem dos vídeo-clips. “Nós chamamos de Videogramo”, fala Ivan Viana. “Foi o Duda (Eduardo Homem) quem teve a idéia: vamos fazer uma TV alternativa, criando condições de produzir e exibir em telão. A concepção dela a gente trava no cotidiano”.

“Nós ficamos produzindo durante meses, e só em março desse ano fomos para a praça. Nenhum de nós havia trabalhado com televisão. Todos já tinham experiência com outros meios, mas a TV nós aprendemos no dia-a-dia. As coisas foram acontecendo aos poucos”.

REPERCUSSÃO

Não resta dúvida, porém, que a maior de todas as incógnitas é saber se há público no Brasil para uma experiência como essa. Ivan garante que sim, pois há pouco mais de um ano eles vêm exibindo sua programação regularmente para cerca de cinco mil pessoas por mês, em Pernambuco, e esse número vem crescendo a cada apresentação. Ele conta que no começo hou-

ve algumas dificuldades. Por exemplo, havia da parte dos moradores uma suspeita que tudo aquilo fosse autoria de algum político. Mas isso passou! Agora, a TV Viva não está apenas nas ruas pernambucanas. Está na programação da Bandeirantes, da Olho Mágico, da Nacional. O Museu de Arte de Nova Iorque e a BBC de Londres têm cópias do trabalho da TV Viva. A próxima “vítima” é a TV Cubana, que exibirá a produção da TV Viva em suas telas. Dá-lhe TV Viva!

Ivan afirma ainda que a existência de uma rede nacional de exibição paralela, de fato alternativa, é uma das outras propostas da TV Viva. Além disso, pretendem dobrar o número de bairros onde exibem a programação. Todavia, produzir para 20 bairros significa também ter que dobrar o necessário para a produção, ou seja, mais material e mais pessoas. E a coisa não pára por aí. A TV Viva distribui seus próprios programas, e o interessado escolhe a programação desejada a partir de uma sinopse de cada um dos programas.

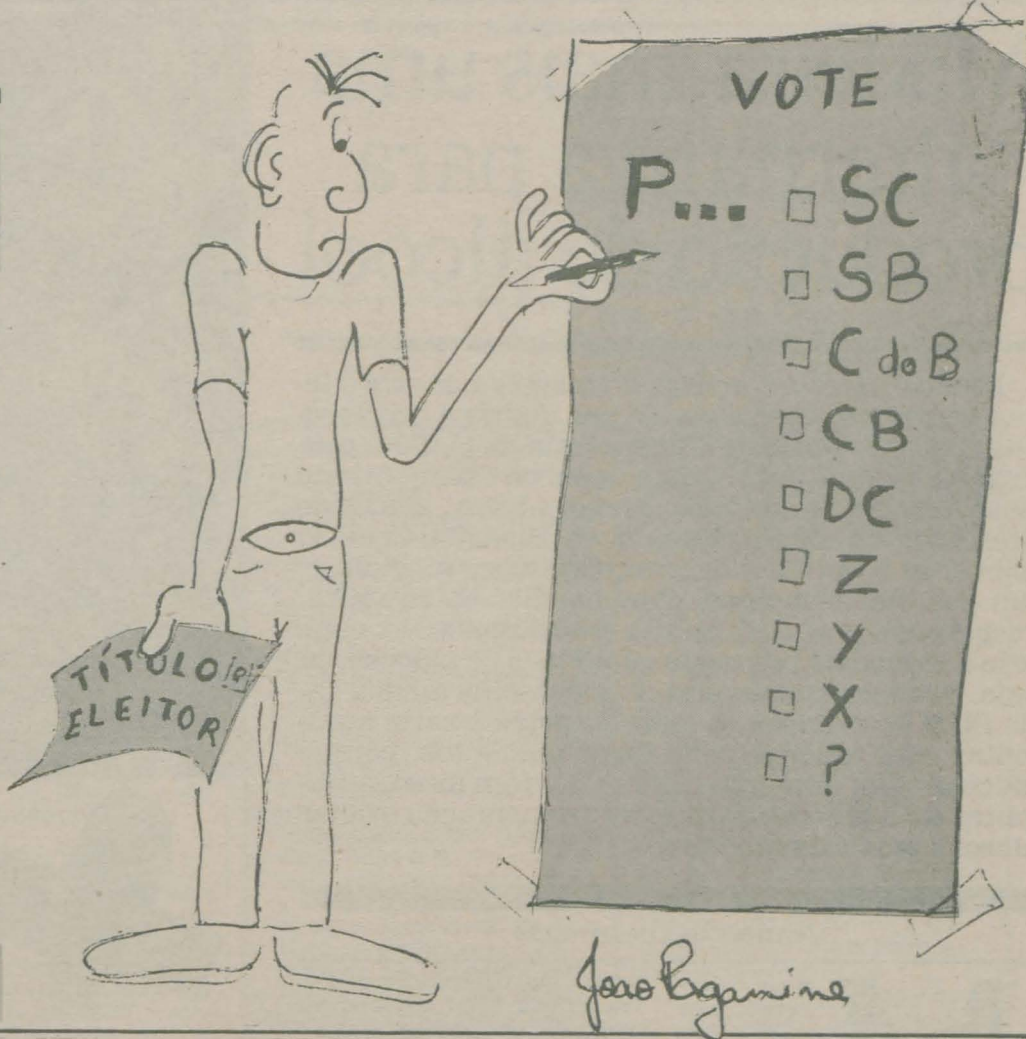
Recife e Olinda vivem uma experiência emocionante com sua TV de rua. TV debochada, direta, brincalhona, contundente. Mostra o sério e o grotesco. Mas o fundamental de tudo isso é que ela sobrevive com o reconhecimento e participação da população. A TV Viva é de fato uma TV Viva.

SALADA ELEITORAL

O Brasil viveu o sistema do bipartidarismo desde 1965, quando o marechal Castello Branco extinguiu os partidos, até a eleição de 1982. Neste pleito, a vinculação total de votos e a obrigatoriedade de cada agremiação lançar chapas completas inviabilizaram o PP de Tancredo Neves e deixaram pouco espaço para o PTB de Ivete Vargas, para o PT de Lula e para o PDT de Brizola.

Instalada a Nova República, foi votada a proposta de emenda constitucional tornando possível a criação de novos partidos. A legislação passou de um extremo a outro, em matéria de liberalidade. Cento e uma pessoas podem fundar um partido e, por conta de tais facilidades, cerca de 30 partidos foram registrados no TSE.

JOÃO PAGANINE E REINALDO FREITAS



Partidos de todas as cores e caras

Desses novos partidos, alguns são meros artifícios cartoriais sem a mínima possibilidade de obter votos. É esse o caso do Partido Tancredista Nacional, pelo qual o artista Carlos Imperial, vereador fluminense, se fez candidato à prefeitura do Rio de Janeiro. Outros partidos serviram para abrigar dissidentes e políticos que não encontravam espaço em seus partidos de origem. Nessa categoria incluem-se o Partido Socialista, no qual o deputado Sebastião Nery, eleito pelo PDT e desavido com Brizola, se fez candidato a vice-prefeito na chapa de Rubem Medina, e também o Partido Liberal, que Alvaro Valle fundou para disputar, por igual, a prefeitura do Rio. Ninguém acredita, entretanto, que Alvaro Valle arrisque-se a disputar sua reeleição para a Câmara por legenda tão fraca. Os partidos que se incluem nas categorias acima dificilmente terão chance de sobreviver após as eleições do dia 15. A maioria não deverá obter votação que autorize a crer em sua viabilidade e em sua força de atrair candidatos para o pleito de 1986.

Numa terceira categoria estão os partidos que têm organização nacional incipiente e que, embora não obtendo votos em número comparável ao dos grandes partidos, valem-se de sua estrutura e da certeza de um eleitorado pequeno, mas fiel. É o caso dos partidos comunistas (PCB e PC do B), do PSB, Partido Socialista Brasileiro, e em menor grau dos dois partidos cristãos: o Partido Socialista Cristão e o Partido Democrata Cristão.

PSCE E PDC

O PSC e o PDC apresentam co-

mo grande trunfo perante o eleitorado uma ideologia bem definida, e que com pequenas variações é compartilhada pelos dois partidos. Essa ideologia, baseada no Humanismo, é, segundo Alberto Peres, Presidente do diretório do PDC no DF, "muito bem recebida por determinadas camadas da sociedade", o que ele espera, venha garantir votos em segmentos definidos do eleitorado. A doutrina dos partidos cristãos define a democracia liberal como sendo o regaço do Capitalismo, permitindo a exploração do homem pelo capital. O totalitarismo realiza a exploração do homem pelo homem. Contra essa situação, o cristianismo diz que há um princípio natural em que se nivela a criatura humana, o direito à vida dada pelo Criador. A partir dessa premissa partem para propostas bem definidas para os problemas da reforma agrária, do uso da propriedade, etc.

O deputado Clemlir Ramos, fundador, líder e candidato do PDC à prefeitura do Rio terminou renunciando à postulação para retornar às fileiras do PDT e apoiar o senador Roberto Saturnino. Não é um choque muito grande para um pequeno partido? "Com efeito", diz Peres, "entretanto, o PDC está se organizando muito bem no DF. Contamos com 3 mil filiados e outros 10 mil pedidos de filiação e vamos apresentar candidatos a todos os cargos de representação para o DF".

Herdeiro das tradições do PDR, Partido Democrático Republicano, do ex-vice-presidente da República, Pedro Aleixo, o PSC é menos otimista com relação à possibilidade dos pequenos partidos. O advogado trabalhista Francisco Gomes de Macedo, presidente do diretório do partido do DF, apesar de definir a situação do partido como muito boa, já estuda a possibilidade de fazer coligações para enfrentar as eleições de 86, citando um nome: o do radialista Alvaro Costa para o Senado. "É um nome muito simpá-

tico e uma postulação muito bem aceita por todos os membros do partido", completa Macedo. O PSC tem 7 mil filiados no DF.

PSB

As experiências partidárias históricas nem sempre são jogadas na lata de lixo. É isto que o advogado Luis Manzollilo pretende mostrar em Brasília, fazendo parte de um movimento que criou o Partido Socialista Brasileiro no DF.

Para dar perspectivas reais ao PSB, Manzollilo quer superar o elitismo do velho PSB, no qual militaram tantos políticos de renome. Esse partido chegou a congregar nomes da intelectualidade, mas nunca conseguiu chegar à grande massa.

Filosoficamente, o PSB não é marxista e nem acredita na estatização completa da economia. "O PSB estaria próximo dos partidos socialistas da Europa", afirma Manzollilo. A palavra mágica do PSB seria o distributivismo — participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, reforma tributária no sentido de atingir as altas rendas em até 80 por cento e criação de um Fundo de Participação Social, através de ações.

PC DO B

O PC do B legalizado há pouco tempo, já tem o seu diretório em Brasília, e está a algum tempo organizando sua volta aos palanques

e à política em geral. O coordenador do Partido no Distrito Federal, Paulo Cassis, disse que o partido, ao contrário do que muita gente pensa, não é novo; existe há 63 anos e só agora pôde abrir suas portas para as pessoas interessadas em conhecer seu programa e seu funcionamento, porque antes era proibido a militância declarada. O coordenador do partido declarou que PC do B, tem diretórios organizados em todos os Estados.

Sobre o número de filiados, Paulo disse que é impossível no momento saber exatamente quantos filiados existem no Partido em Brasília, porque depois de tanto tempo na clandestinidade ficou difícil manter uma organização sistemática sobre seus filiados. A partir de agora, será feito um novo recadastramento para se chegar ao verdadeiro tamanho do Partido em todo o Brasil.

Depois da abertura do diretório em Brasília, o PC do B abriu diretório em Taguatinga, e prepara-se agora para inaugurar os diretórios no Gama e na Ceilândia. Nas eleições em Brasília no ano que vem, o PC do B pretende fazer coligações com o PMDB.

Paulo Cassis afirmou que as principais propostas do PC do B são: a consolidação da vitória democrática, uma constituinte congressual, a suspensão do pagamento da dívida externa e um novo plano de Reforma Agrária. Frisou ainda que o principal objetivo é a implantação do socialismo no Bra-

sil, mas que algumas reformas têm que ser feitas antes para se alcançar este objetivo. Finalizando disse que para se filiar ao PC do B basta que o interessado participe do organismo partidário e que aceite o programa do partido. O estudante de comunicação, Mauro Porto, declarou que a legalização do Partido Comunista Brasileiro não foi uma coisa salvadora para o partido porque legalização ainda é meio restritiva. "É difícil para o PCB se amoldar a esta lei dos partidos, que vigora atualmente, porque os partidos têm que se adaptar a esta legislação, e como PCB tem uma estrutura diferente dos outros partidos, fica limitada a sua formação. Mas isso não é impedimento para o crescimento do partido".

Em relação ao crescimento do Partido em oposição aos grandes partidos, Mauro disse que o partido sente-se sufocado não pelos outros partidos, de formação burguesa, mas por uma tradição anticomunista no país. O lançamento das candidaturas para prefeituras nesta última eleição, foi mais para esclarecer a opinião pública sobre os objetivos do PCB e promover uma abertura para a sociedade brasileira. "Realmente não tínhamos pretensão de ganhar", disse, mas as candidaturas já foram um avanço considerável.

Com diretório funcionando em Brasília e em algumas cidades-satélites, o PCB pretende participar das eleições de 86 em todos os estados, inclusive Brasília, e com candidatos próprios. Disse ainda que, "a atual legislação só permite coligações para cargos majoritários. O partido quer rever a legislação para ampliar as coligações também nas eleições não majoritárias".

Para as eleições no ano que vem em Brasília, o PCB está muito confiante. Acha que pode eleger representantes para a Constituinte, e está preocupado em fortalecer a constituinte com candidatos comunistas.

Muitos dos novos partidos desaparecerão após as eleições de 15 de novembro. Já está em andamento, entretanto, a legalização de outros, entre os quais o Partido Verde.

Madeira, mais uma alternativa para produção de álcool

Produzir álcool e açúcar da madeira. E este o tema do projeto desenvolvido por alunos e professores do Laboratório de Enzimologia da UnB há pouco mais de dois anos, com o apoio do CNPq. Cirano José Ulhoa e Sérgio Luiz Barbosa Silva, alunos de Mestrado do Departamento de Biologia Celular, explicam o objetivo da pesquisa sobre a celulose, um dos três principais componentes da madeira, responsável por 60% de sua constituição. "A celulose é composta por várias unidades de glucose, ou seja, você tem unidades de glucose formando cada fibra de celulose. A idéia do projeto seria aproveitar essa glucose para fazer alimentos, porque glucose é um alimento básico. E, além disso, aproveitar essa glucose para fazer fermentação e obter álcool a partir da madeira".

MARTHA FARIA DE MENEZES

Ma matéria-prima, sem dúvida, não é problema. "Tem muita celulose que não é aproveitada, como

por exemplo, o papel jogado no lixo, farelo de serragem, palha de arroz e o próprio bagaço da cana-de-açúcar, que só é aproveitado em cerca de 60%", diz Sérgio.

O PROCESSO DE OBTENÇÃO DE GLUCOSE

O processo de quebra da celulose para obtenção de glucose é denominado sacarificação, e pode ser feito de duas maneiras: através da hidrólise ácida (com ácido sulfúrico) ou da hidrólise enzimática (com a utilização de enzimas específicas).

A hidrólise ácida, apesar de ser uma operação extremamente rápida, torna-se proibitiva. Primeiramente, pelos compostos que produz ao agir sobre as unidades de glucose e, em segundo lugar, pelo seu alto custo operacional, em função do ácido sulfúrico ser corrosivo, exigindo constante troca dos aparelhos utilizados, e de ser produzido com enxofre, elemento importado pelo Brasil.

Por todas essas razões, no projeto desenvolvido pelo Departamento utiliza-se apenas a hidrólise enzimática, com o auxílio de enzimas celulolíticas. Essas enzimas são proteínas produzidas por microorganismos como fungos e bactérias. "Elas funcionam como se fossem verdadeiras tesourinhas na quebra das ligações de glucose. E fazem isso em condições muito mais brandas de temperatura e ambiente, além de não produzirem as substâncias tóxicas que a hidrólise ácida produziria. A grande vantagem deste processo é que ele é bem específico e o rendimento é alto, ou seja, se você tem 100 toneladas de celulose, você obtém 90% de glucose", diz Cirano.

O primeiro fungo celulolítico foi descoberto no final do século passado, por volta de 1897. Mas foi a partir da II Guerra Mundial que o estudo sobre esses microorganismos tomou impulso, com a descoberta de um fungo inicialmente chamado *Trichoderma*

viride (atualmente denominado *Trichoderma reesei* em homenagem a seu descobridor, o americano Ewin Reese).

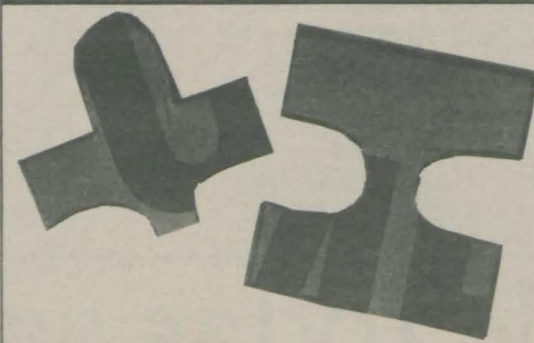
A história do aparecimento deste fungo é curiosa. "O *Trichoderma reesei* foi encontrado em mochilas de soldados, na II Guerra Mundial. Ele devorava, simplesmente destruía as mochilas dos soldados, que eram feitas de algodão (que tem muita celulose). Ele depredava essas mochilas em pouco tempo, principalmente em regiões úmidas", lembra Sérgio.

Por um processo de genética clássica, o *Trichoderma reesei* foi melhorado geneticamente, tendo-se transformado, nos dias de hoje, no fungo celulolítico-padrão.

Em função disso, os participantes do projeto inicialmente desenvolveram um estudo comparativo, em relação àquele fungo-padrão, visando à descoberta de novos fungos e bactérias que se mostrassem adequados ao processo de hidrólise enzimática. Assim sendo, os pesquisadores receberam e estudaram microorganismos de várias partes do Brasil, principalmente do INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia) e do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal).

Após o estudo comparativo, foram encontrados "alguns fungos que se mostraram oportunos para serem estudados com mais detalhes, e é o que nós estamos fazendo agora. Eu e o Cirano estamos estudando um fungo chamado *Picnoporus sanguineus*, obtido pelo IBDF, assim chamado porque ele dá uma coloração vermelha, cor de sangue". Um outro membro do grupo pesquisa o fungo *Humicola nigricans*, isolado em Viçosa. Bactérias também são estudadas por outros alunos.

A implantação do projeto a nível industrial é ainda inviável. "É difícil porque é necessário ainda um estudo básico desse complexo celular (na verdade, são as enzimas que atuam no processo), do funcionamento dessas enzimas, das condições bioquímicas e dos problemas de regulação do microorganismo, para depois poder enfrentar os problemas a nível industrial".



Em 68, a idéia do Ceplan foi retomada mas sob nova denominação: LEAU — Laboratório de Arquitetura e Urbanismo. O LEAU tem agora uma missão junto à Universidade. Através de uma revisão do plano físico do campus, encaminhar questões como instalação de um Centro de Vivência e utilização e uso do Minhocão.

Arquitetura quer novo plano para UnB

ZEILA FREITAS E SILVA

"Nos últimos anos temos encontrado muita produção intelectual interessante, como livros, publicações etc, saída das universidades do País, mas não acredito que isso somente seja suficiente como produção acadêmica dentro das universidades".

Esta é a opinião de Paulo Zimbres, professor do Departamento de Urbanismo, segundo o qual há uma possibilidade do trabalho acadêmico das áreas puramente acadêmicas e o trabalho das áreas de natureza mais profissionalizantes. Segundo ele, uma ênfase indiscriminada nas publicações, cria situações anômalas em áreas onde se passa a publicar equivocadamente. Há que se fazer então, distinção entre o trabalho que exige publicações, e que nutre todo esse corpo editorial-científico, e os trabalhos que também são respeitáveis a nível de descoberta e a nível de ensino nas áreas profissionalizantes.

Diante dessa perspectiva, foi criado, em 62, o CEPLAN — Centro de Planejamento, vinculado ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo, e que congrega professores de dedicação exclusiva e alunos de pós-graduação, além de oferecer oportunidade de estágio aos estudantes.

O CEPLAN teve como primeira missão já a construção da UnB e fazer desse planejamento um exercício de pesquisa e de treinamento de alunos e professores. O projeto do Minhocão, Colina, Desenho e Música, são os primeiros exemplos de construção pré-moldada no Brasil. Também algumas superquadras do Plano Piloto, pertencentes à universidade, foram objetos de pesquisa e projeto de alunos e professores vinculados ao Ceplan, sendo que algumas constituíram-se em tese de mestrado.

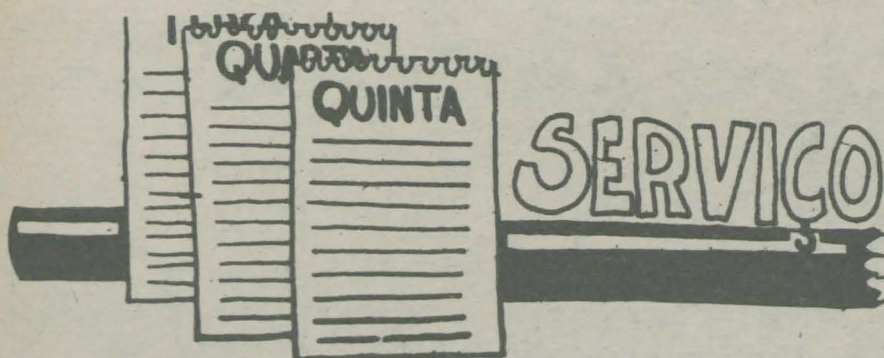
Projetos mais recentes da UnB, como o Centro Desportivo, Biblioteca, Reitoria, Restaurante, Faculdade de Tecnologia e Medicina, foram produtos do laboratório da Ceplan e que refletia, de certo modo, uma discussão sobre a arquitetura e urbanismo que se fazia dentro da escola, no País e no mundo, refletindo também uma certa inquietação intelectual do momento (62 a 68).

Por considerar Brasília um laboratório importante porque propõe soluções de urbanismo contemporâneo que estão sendo testadas pela população, o Ceplan procura agora uma aproximação com o Governo do Distrito Federal, no sentido de levar contribuições para essas populações, seja procurando discutir a fixação desses assentamentos de baixa renda, seja formulando propostas de ordenamento racional como o Paranoá.

Segundo ele, o laboratório do Ceplan tem agora uma missão muito importante junto à nova administração da UnB: uma revisão do plano físico da universidade, encaminhando questões como utilização e uso do Minhocão, instalar um Centro de Vivência, resolver o problema habitacional dos professores dentro do campus, alojamento dos trabalhadores e pesquisadores da Fazenda Água Limpa.

"Há uma disposição muito grande do nosso quadro de fazer, através da atividade prática, além de prestar um serviço, atingir certos resultados de interesse acadêmico, de realimentação dos nossos cursos, das nossas disciplinas, ou seja, produção de conhecimentos mas através de uma reflexão em cima do fazer.

"Com isso, podemos enriquecer o curso, dando-lhe um caráter mais realista, desbravando algum campo de conhecimento e participar de um debate que deve se travar a nível nacional de qual arquitetura devemos fazer em nosso País; deve ter um caráter regional ou não, qual é o sentido de repetir aqui uma arquitetura internacional ou de procurar as nossas próprias expressões".



Não fique por fora.
Saiba de tudo
que irá acontecer na
UnB. Palestras, cursos,
exposições, encontros...

Constituinte e UnB

"A Constituinte na UnB" é o primeiro projeto de um programa mais amplo a ser implementado pelo Decanato de Extensão, denominado Programa Permanente de Discussão e Reflexão sobre Temas Políticos e Sociais da Atualidade. De caráter permanente, as atividades do programa têm como objetivo fundamental reaproximar a Instituição da comunidade.

Fases de Execução do Primeiro Projeto:

Fase I — A UnB Fala (1º de nov a 31 jul 86) — Consiste em constituir, no âmbito da comunidade universitária, diversos grupos para debaterem sobre os mais variados aspectos inerentes à elaboração da futura Carta Magna.

Fase II — A UnB Analisa e Sugere (28 jul a 10 out 86) — Consiste em desenvolver, nos diversos grupos de tra-

balhos, monografias (com sistemas de premiação) sobre temas relevantes, os quais constituirão um "DOSSIE DA UnB" sobre o processo constituinte.

Fase III — A UnB Vota (13 out 86 a 10 nov 86) — Consiste em promover ampla divulgação, no âmbito da comunidade universitária, do "DOSSIE DA UnB", a ser remetido ao Congresso Nacional, e a seguir, organizar um plebiscito, no qual a comunidade manifestará sua vontade, em relação a tópicos específicos da futura Constituição (maiores informações: Professor Lúcio Castelo Branco, DEX ramal 2204 e 2389).

Informações, contato e divulgação através dessa Coluna de Serviços, procurar Milton, Editoria de UnB, na redação do jornal Campus — ramal 2463.

NICOLAU EL-MOOR



Abertura do Projeto: a Nova República presente

Estágios

Estão sendo oferecidas vagas para estágio nas seguintes instituições: Eletronorte, vagas para estudantes de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica; Biblioteconomia, Geologia; Telebrás, para Processamento de Dados (8); Ministério do Desenvolvimento Urbano: Administração (1), Eng. Civil (1), Mecânica (1), Direito (1), Ciências Contábeis (1); Ministério da Saúde: uma vaga para estudante de Arquitetura; IPEA: Comunicação (1), Economia (6); Cartepilar: Direito (1).

Pós-Graduação

Em Ecologia e Fitopatologia, inscrições até dia 30/11 no Deptº de Biologia Vegetal. Mestrado em Biblioteconomia e Documentação, inscrição até 29/11 e seleção dias 3, 4 e 5 de dezembro. Pelo Deptº de Direito, Mestrado na área de "Direito e Estado", inscrições até dia 29/11 e seleção de 09 a 11/12/85. Mestrado em Engenharia Elétrica, inscrições até 15/12 e seleção de 01 a 15/01/86. Mestrado em Relações Internacionais e em Ciências Políticas, inscrições de 23/09 a 06/12 e seleção de 09 a 20/12. Pós-graduação em Engenharia Civil — cursos de especialização em Engenharia Estrutural e em Engenharia de Transporte.

Extensão

"Rumo à Constituinte", simpósio sobre as eleições municipais de 1985, suas consequências e perspectivas para 1986 e 1988, de 3 a 5/12 no auditório Dois Candangos, inscrições no DAA.

Curso de "Fotografia" reflexões teóricas e análise da produção, pelo Deptº de Comunicação, com a professora Maria Luiza Dainesi, de 05 a 28/11 das 20 às 22 horas no Anfiteatro nº 19.

Curso de "Ateliê livre de Gravura e Litogravura", pelo Deptº de Desenho, com a professora Lygia Maria, de 04/11 a 19/12, taxa 30 mil.

Curso "Espectroscopia de Fluorescência e de Infra-Vermelho em Proteínas", pelo Deptº de Biologia Vegetal, com o professor Lauro Mohry, de 18/11 a 13/12, inscrições DAA, 10 mil. Curso de "Introdução à Fotografia", Deptº de Desenho, professora Luíza Venturini, início 19/11. Curso de "Propedêutica à Escultura", Deptº de Desenho, com a professora Grace Maria Machado, de 04/11 a 14/12, inscrições 59 e 20 mil. Curso de "Introdução à Inferência Estatística", pelo Deptº de Estatística, com o professor Maurício do Pinho Gramoy, de 21/11 a 22/11.

Curso de "Vivência do Lúdico na Pré-Escola", pelo Deptº de Métodos e Técnicas, coordenadora Maria de Fátima G. de Souza, de 19/11 a 28/11, 30 vagas e inscrição no DAA.

Curso "Epidemiologia Clínica", pela Fac. de Saúde com o professor Maurício Gomes Pereira, de 10/12 a 20/12. Inscrições 50 mil. Seminário "Imunoperoxidade

em tecidos", Deptº de Medicina, com o professor Albino V. Magalhães, dia 29/11.

Curso de "Utilização de Microcomputadores em Engenharia — ênfase em Planilhas Eletrônicas", com o professor Fernando Jorge R. Neves, de 14/11 a 13/12.

Curso de "Computação, um Fenômeno de Transporte", com o professor Rasheed Ahmad Malik, de 13 a 25/01/86.

Pelo Deptº de Educação Física, atividade "Um Domingo no Centro Olímpico", de 01/11 a 31/03/86, maiores informações no departamento.

"1º Seminário sobre Vestibular na UnB" de 04 a 06/12 no Auditório da Faculdade de Tecnologia.

"I Ciclo de Palestras sobre Tecnologia Apropriada de 11 a 27/11/85, no Auditório da Civil.

"Reunião da Comissão Mista de Intercâmbio Cultural Brasil-Argentina — Ministério das Relações Exteriores, dia 18/11 no MRE.

"Introdução ao Design de Veículos", palestra dias 26 e 27/11 no Deptº de Desenho.

Seminário "Termoeletricidade Moderna", pelo Deptº de Engenharia Elétrica, no período de 25/11 a 06/12, no Auditório da Elétrica.

Simpósio "Industrialização no DF: Sim ou Não"? Promoção Dex/Fibra/Codeplan, dia 02/12 no Auditório Dois Candangos.

Debate "Agricultura e Constituinte", promoção DEX-CONTAG, dia 27/11 no Auditório da Faculdade de Tecnologia.

Reunião Provisória do Projeto Fatinha/Rondon/DEX, na sala de reunião do DEX.

Seminário "Métodos de Agricultura Alternativa" — Deptº de Agronomia, de 03 a 07/12.

Encontro Popular de Saúde da Celândia.

Palestra "Regulamentação do Comércio Internacional — GATT" pelo professor Fernando Barreto, da Divisão de Promoção Comercial — MRE, dia 22/11 às 9 horas, no REL. Palestra "O Papel da Igreja na Transição Política no Brasil" pelo professor Thomas Bruneau-Canadá, dia 26/11 às 8 horas na sala de reuniões do REL.

Além dessas atividades, o Decanato de Extensão está desenvolvendo entendimentos no sentido de definir o Programa Articulado de Núcleos Permanentes de Extensão: Projetos Comunidades/UnB, que será composto dos seguintes projetos: Projeto Celândia, Projeto Primavera, Projeto Fatinha (Pedregal/Céu Azul/Novo Gama).

Calendário

De 23 a 30/12 — Solicitação de diploma (aluno). De 23 a 30/12 — Formatura, solicitação de dispensa de colação de grau (aluno). De 13 a 24/01/86 — Beca, solicitação (aluno). Dia 20/01/86 — Divulgação da lista de formandos. De 20 a 24/01/86 — Formatura, solenidade de colação de grau. De 28 a 30/01/86 — Diploma, entrega. De 19/12/85 a 07/01/86 — Verão, matrícula. De 15/01/86 — Período do Verão.

Outros

A Editora UnB vai participar da IV Feira do Livro de Brasília, a se realizar de 23/11 a 01/12, onde a editora fará o lançamento de mais de 35 títulos novos. No estande da editora acontecerão também várias atividades culturais de grupos da UnB. Outra informação da Editora é a implantação, mais para o fim do semestre, do Programa Permanente de Apoio à Produção e Edição do Livro Didático na UnB e do Programa de Apoio à Revista Científica Cultural.*** Este é o 5º ano consecutivo da Serenata de Natal, que contará com a presença de 549 inscritos e com o apoio do BRB, UnB-DAC, Fundação Cultural, BuB, Só Brindes. Os ensaios estão sendo feitos 3 vezes por semana, no Anfiteatro 17, das 12 às 14 e das 19 às 21 horas.*** Semana do Quebec, de 20 a 23/11, no Auditório da Reitoria, às 20:30 horas (entrada franca). Organização governo do Quebec, Associação Brasil-Quebec, Associação de Professores de Francês-DF.*** Estão sendo convocados todos os alunos da Engenharia Elétrica para as eleições do seu Centro Acadêmico a se realizar dias 27 e 28 de novembro. Participe, discuta e vote na sua chapa preferida.*** Exposição de Livros Russos, dia 3 de dezembro às 10 horas, na Biblioteca Central. Promoção conjunta UnB com a Embaixada da URSS.*** Está sendo implantado no Departamento de Engenharia Civil, um Centro de Tecnologia Apropriada — CETAP. Entre os objetivos do CETAP, se encaixa uma discussão mais geral e essencial, do papel da própria Universidade brasileira e de redefinição de seus objetivos.*** I Semana do Música da UnB, de 18 a 23 de novembro sempre às 10 horas, no Auditório da Música. Acontecerão debates, palestras, apresentações musicais e, no dia 23, sábado à noite, Festa no Departamento de Música.***

Arquivo



Francisco Domingos, presidente da CUT-DF

WILSON DE MORAIS



Greve dos bancários mobilizou Brasília no mês de setembro

Brasília não vota, mas faz greve

Com as recentes greves locais, Brasília perde pouco a pouco o rótulo de cidade cujos habitantes são allenados e despreparados politicamente. Há 25 anos fora dos jogos eleitorais, o brasiliense tem mesmo assim demonstrado sua crescente participação política, agitando o Distrito Federal com paralisações que abrangem desde as categorias de jornalistas e gráficos até médicos residentes, vigilantes e rodoviários.

Segundo Francisco Domingos, presidente da Central Única dos Trabalhadores-DF e da Associação dos Vigilantes, a movimentação em Brasília não surgiu pelo pretenso clima de liberdade com o advento da Nova República e sim como consequência do processo iniciado pelos trabalhadores em 79, no ABC paulista. Desde essa época, o trabalhador vem tomando consciência política e acumulando forças para os movimentos que eclodiram em 85. "A causa da grande mobilização dos brasilienses não é a mudança de Governo, a abertura, pois a lei sindical continua sendo a da Velha República, as greves são decretadas ilegais e pessoas são demitidas da mesma forma", argumenta o presidente da CUT-DF.

A conscientização do brasiliense, percebida na grande mobilização grevista, implica, segundo Francisco, no maior questionamento da demagogia das autoridades e dos candidatos a futuras eleições. E conclui: "Governante tomar caldo de mocotó e cafezinho junto do povo não convence mais a população brasiliense. De onde eles vêm, no interior do Nordeste, Minas e Goiás, já havia muita demagogia e promessas não cumpridas. Agora o trabalhador não acredita mais".

Por outro lado, as greves acabam também por motivar outros grupos profissionais, cujos sindicatos são inativos e constituem cabide de emprego, como denuncia o presidente da CUT-DF: "Os sindicatos de gabinete não se importam com a conscientização do trabalhador, nem com sua situação. Por isso lutamos pelo fim do imposto sindical, para acabar com esse tipo de sindicalismo".

SINDICATO DOS JORNALISTAS



Jornalistas e gráficos pararam para pressionar empresários a negociar suas reivindicações

FABIO GUIMARÃES
MARIA DE LOURDES
DUARTE TAVARES

8 de novembro de 1985. Brasília amanheceu sem jornais locais, como resultado da greve do dia anterior, em que jornalistas, gráficos, administrativos e motoristas paralisaram suas atividades. Segundo Hélio Doyle, presidente do Sindicato dos Jornalistas, esse foi o primeiro grande resultado. "As empresas só aceitaram negociar quando viram que a greve ia sair e só melhoraram as propostas depois da greve". Na verdade, o atendimento das reivindicações foi insatisfatório. Os 50% de reposição salarial nem foram cogitados pelos três jornais impressos de Brasília: *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília* e *Última Hora*. O *Correio* propôs 15% de reposição para os gráficos e 50% do INPC de antecipação, sempre após três meses do reajuste salarial, mas ameaçou demitir 40 funcionários, entre jornalistas e gráficos. Além disso, exigiu que a "grande família associada dos trabalhadores da empresa fundada por Chateaubriand, não entrasse em greve, caso os outros jornais paralisassem, conforme informações de Djalmir de Assis, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas. Já o *Jornal de Brasília* fechou a questão com 10% de reposição para os gráficos e 10% de abono para todas as outras categorias. O *Última Hora* teve mais dificuldade nas negociações, porque o jornal está à venda e os trabalhadores não sabem a quem fazer exigência, mas acabaram aceitando proposta igual à do *Jornal de Brasília*.

Em termos financeiros pouco foi obtido, mas pelo menos um resultado concreto foi conquistado: a criação da INTERCOM, Intersindical dos Trabalhadores em Comunicação, que reúne jornalistas, publicitários, gráficos, radialistas, pessoal administrativo e de transporte. No plebiscito sobre a greve, 75% dos trabalhadores votaram a favor. Tudo isso deu maior força à greve e às categorias. Para Hélio Doyle, se apenas os jornalistas entrassem em greve nada seria conseguido, mas

com a participação de todas as categorias a pressão sobre os empresários é muito maior, pois os jornais param efetivamente.

De acordo com Djalmir de Assis, o trabalhador já viu que as promessas não são cumpridas, seja na Nova ou na Velha República. Por isso, segundo ele, está havendo uma maior participação da categoria no movimento, o que não se justifica como consequência da apregoada democracia da Nova República, que daria mais liberdade para greves. Ao contrário, afirma Djalmir, "a conscientização política do povo foi causa da mudança de Governo, pois a classe trabalhadora estava se movimentando e, para continuar na hegemonia, a elite promoveu uma aparente mudança. Fazemos a revolução antes que o povo a faça. "Já o presidente do Sindicato dos Jornalistas, no entanto, acredita que a grande participação nos movimentos grevistas venha em decorrência do término da repressão, quando então as pessoas sabem que podem reivindicar melhores salários, mesmo com ameaça de demissão.

RODOVIÁRIOS PARAM

A paralisação dos transportes coletivos de Brasília neste início de mês foi marcada pela falta de coesão dos rodoviários e pela violência que a polícia do Distrito Federal utilizou para dispersar o movimento. Em poucas horas o movimento grevista se esvaziou e o objetivo reivindicado, equiparação salarial com o pessoal da TCB, empresa estatal, não foi atingido.

Segundo Pedro Celso Oliveira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários de Brasília, não houve precipitação da greve, já que há mais de quarenta dias eles estavam tentando negociar com os empresários do transporte coletivo de Brasília. "O que vimos foi a intransigência e o radicalismo dos patrões e a conivência por parte do Governo".

Sobre a situação atual do País, Pedro Celso não vê nenhuma medida concreta para se chamar essa República de nova. Para ele, a conquista da liberdade de se manifestar não foi uma dádiva da

Nova República, mas sim uma conquista dos trabalhadores e do povo. "Ou eles davam ou nós ganhávamos de qualquer jeito".

Mesmo com a fracassada greve, Pedro Celso acredita que o movimento não foi em vão. "A nossa greve serviu para mostrar que o aparato bélico policial está aí, e está à disposição das autoridades, do Governo, para a qualquer momento investir contra as manifestações dos trabalhadores". Pedro Celso admite, porém, o desgaste da liderança, mas afirma que a categoria está de cabeça erguida e pronta para partir para outra.

Outra categoria de trabalhadores que se utilizou da greve para tentar ver suas reivindicações atendidas foi a dos bancários. Movimento este de repercussão nacional, devido à paralisação de 700 mil funcionários em todo o Brasil nos dias 11, 12 e 13 de setembro.

Para Augusto Silveira de Carvalho, presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, a greve dos bancários nada mais foi do que o resultado do amadurecimento da classe, ano após ano. As outras greves que vinham acontecendo no país também contribuíram para esta mobilização. "A greve deixou de ser coisa de comunista e de baderna para ser uma reivindicação legal dos trabalhadores".

O fato de agora estarmos no que se pode chamar de Nova República não modificou em nada o tratamento do Governo em relação ao movimento grevista. Segundo Augusto de Carvalho, o que se viu foi a hegemonia do capital financeiro. "Não houve mudanças, o Governo continua assumindo a defesa do patronato. Mas a vitória foi nossa. Conseguimos a conscientização da categoria e o governo saiu desmoralizado".

O sindicato agora está comprando a briga dos economistas que lutam para transformar-se em bancários e ter também o direito à sindicalização. Com o saldo extremamente positivo da greve e o fortalecimento do sindicato, novas conquistas poderão ser alcançadas. Segundo avaliação de Augusto de Carvalho, "quem já deu o primeiro salto pode alongar a sua passada".